



APONTAMENTOS SOBRE A MODINHA BRASILEIRA

Quanto à origem, os estudiosos do problema da nossa modinha dividem-se em dois campos opostos: os que acreditam ter ela nascido no Brasil e os que defendem a tese que procede de Portugal.

Vincenzo Cernichiaro representa a primeira corrente, dizendo: "A modinha é filha legítima do sentimento brasileiro; é a alma da coletividade; nela ressoa a energia cheia de anelos do povo do século XVIII e XIX, predisposto a cantar suas dôres e toda a emoção da paixão e do amor". E acrescenta: "A modinha floresceu na clássica Bahia ou de resto nasceu e cresceu. Sua perfeição foi conseguida no século XIX graças ao talento de muitos compositores, os quais escreveram diversas modinhas, caracterizadas, quase todas, por uma paixão constante de acentos, expressão, colorido, inguidez amorosa, toda meridional, ou melhor toda brasileira".

Discordando de Cernichiaro, Guilherme de Melo escreve: "A modinha é a canção romântica, que derivada de mote ou moda, transportou-se no século XVI de Portugal para o Brasil, estacionando entre nós até os fins do século XVIII, quando sob a influência das açafatas brasileiras, que constituíam a guarda de honra de dona Maria I transportou-se de novo para Portugal, tornando-se o gênero de música predileto nas distrações do Paço".

Analisando a opinião desses dois historiografos da nossa música, preferimos nos colocar ao lado do segundo. Achamos mesmo que a modinha brasileira é de indiscutível procedência lusitana. E a relacionamos às canções líricas dos trovadores, que tinham o amor por assunto essencial e que, ainda no século XVI, estavam em voga no Reino.

Seu nome procede de "moda", que segundo o "Dicionário" de Antonio Morais Silva, de 1813, era o título das cantigas, que se cantavam ao cravo, viola, etc.. O diminutivo, porém, nos parece essencialmente brasileiro, pois os portugueses o conheceram só depois de largamente usado no Brasil.

A história da modinha compreende duas fases: a do nas-

cimento e difusão e a do apogeu. A primeira tem por período o século XVIII, e a segunda, o XIX, principalmente na parte referente ao primetro Império.

No principio, ela era concebida em compasso binário e depois, adotou o ternário e o quartenário, por influência da valsa e da canção italiana.

Era, então, uma forma popularesca, que no dizer de Mario de Andrade, apresentava as estruturas seguintes: duas estrofes (A-B), duas estrofes e refrão (A-B-C), estrofe e refrão (A-C), duas estrofes e "stretto" equivalente a um refrão (A-B-D) e até a forma da dria-da-capo (A-B-A).

Foi tal sua importância dentro do primeiro Império, que vários compositores de renome dedicaram-lhe a atenção. Entre esses, lembramos Francisco Manuel da Silva, e o padre José Mauricio Nunes Garcia. Pouco depois, Carlos Gomes também se voltava para a forma, escrevendo "Quem Sabe?", que é uma autentica modinha.

Na segunda metade do século passado, a modinha desceu dos salões para o meio do povo, folclorizando-se. Adquiriu, então, entre os músicos populares, cantadores de serenata, como registra Oneyda Alvarenga, uma forte caracterização nacional. "Abandonando os compassos binário e quartenário, passa a empregar de preferencia o corte ritmico da valsa".

A ação da valsa européia sobre a nossa modinha, escrevia Mario de Andrade, deformou-a a tal ponto, que sessenta por cento de exemplos da forma são valsas legítimas. Isso, entretanto, acrescenta o mesmo autor, não impede que ela "tenha um cunho muito particular que nos pertence".

Mais rara como manifestação, a modinha ainda hoje subsiste no folclore brasileiro, como um maravilhoso exemplo ao lirismo de nossa gente. Ela nos fala, acentua Renato Almeida, dos encantos da mata, dos murmurios dos rios, dos quebrantos do luar, dos mistérios das estrelas, mas sobretudo das incertezas do amor, das inconstancias dos namorados e amantes.